

4

Aspectos metodológicos da pesquisa

Se as salas de aula são, em geral, tão parecidas e se nós também já sabemos tanto sobre o que se passa nelas, por que estudar uma, especificamente?

(Erickson 2001:10)

Já que esta pesquisa volta-se para a investigação de uma sala de aula de inglês como língua estrangeira, buscando a compreensão dos mecanismos de funcionamento do humor conversacional nas interações que ocorrem neste contexto, creio ser importante estudar esta sala de aula específica, pois, além de ser muito significativa para mim, como professora da turma, compartilho com a afirmação de Erickson (2001:10) de que cada sala de aula possui suas idiossincrasias, sendo suas semelhanças apenas aparentes. Deste modo, faz-se necessária a investigação de cada sala de aula em busca da compreensão de suas particularidades.

No presente capítulo, serão relatados os aspectos metodológicos utilizados para a realização desta pesquisa. Para tanto, apresentarei a natureza qualitativa e interpretativista desta pesquisa, observando o papel do observador-participante e o posicionamento do analista como um fator essencial para uma melhor compreensão da análise dos dados. Em seguida, será descrita a metodologia utilizada para a geração e interpretação dos dados: a análise sociointeracional do discurso. Finalmente, descreverei o contexto no qual o presente trabalho foi realizado, bem como os procedimentos de análise nele empregados.

4.1.

A natureza da pesquisa

Atuando como pesquisadora-participante, desenvolvi esta pesquisa segundo o paradigma qualitativo, que será descrito a seguir.

4.1.1

A pesquisa qualitativa interpretativista

O presente trabalho encontra-se alicerçado na abordagem de pesquisa chamada de qualitativa, também conhecida como naturalística ou naturalista. Este paradigma é chamado de naturalista ou naturalístico por não envolver nenhum tipo de tratamento experimental dos dados analisados, sendo apenas “o estudo do fenômeno em seu acontecer natural” (André [1995] 2007:17). É, também, chamado de abordagem qualitativa por se contrapor à abordagem quantitativa de pesquisa, que estuda a realidade de forma isolada, dividindo-a em unidades mensuráveis. O paradigma qualitativo, no entanto, observa os fenômenos interacionais levando em conta todos os componentes de uma situação em suas interações e influências recíprocas. Weber (apud André [1995] 2007) acrescenta que o objetivo da pesquisa qualitativa, que é a compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos a suas ações, também é um importante aspecto de divergência entre as pesquisas de ciência social e de ciência física.

Denzin e Lincoln ([2007] 2006:23), ao contraporem a pesquisa quantitativa e a qualitativa, afirmam que esta última difere da primeira por enfatizar as qualidades das entidades, os processos e os significados que não são examinados ou mensurados de forma experimental. Na abordagem qualitativa, a análise de dados é realizada com o intuito de descrever os processos envolvidos no fenômeno, enquanto, na abordagem quantitativa, preocupa-se em representar os dados de forma estatística, afim de que os resultados possam ser generalizáveis. Por entendermos a interação como algo único, construído entre os participantes no momento e contexto nos quais ocorre, não podemos visar quantificar ou generalizar os resultados de nossa análise.

A preocupação, presente neste trabalho, em situar o contexto pesquisado, bem como as interações que nele ocorrem, é uma das características desta metodologia de pesquisa, pois, como assinalam Denzin e Lincoln (op cit),

os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o *modo* como a experiência social é criada e adquire significado.

Desta forma, apresento a seguir, a questão relativa à posição de professora-pesquisadora, discutindo a sua dupla função.

4.1.2

O papel da professora-pesquisadora

Nesta pesquisa, ocupei o papel de professora-pesquisadora, sendo ao mesmo tempo professora da turma e pesquisadora das interações que se deram nas aulas gravadas. Freire (1996:29) aponta que “o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa”. Entendendo que a pesquisa faz parte do ensino, enveredei-me neste caminho.

Neste momento, utilizarei uma pintura mundialmente famosa com o intuito de ilustrar esta dupla função exercida por mim durante o processo de geração dos dados.



Figura 3 – Las Meninas (1656)

A pintura aqui apresentada é uma cópia da obra “Las Meninas” (1656), de Diego Velázquez, renomado pintor espanhol. Nela está retratada uma cena que ocorre no Alcázar de Madrid, em uma sala decorada por uma série de quadros. Os personagens se agrupam em primeiro plano juntamente com a figura principal, a infanta Margarita, que ocupa a parte central do grupo. Na esquerda se encontra a figura de Velázquez com seus instrumentos de trabalho em frente a uma grande tela que ocupa grande parte do quadro. Na parede de fundo há um espelho onde aparecem refletidas as figuras dos reis Felipe IV e Mariana da Áustria. Nessa pintura, Velázquez aparece pintando o retrato dos reis, e a infanta, que seria o assunto principal, na verdade parece olhar para seus pais. Porém, ao incluir o espelho no fundo da sala em que vemos o reflexo do rei e da rainha, Velázquez, na verdade, transforma o espaço em tema de sua pintura, pois acaba por situar o espectador no mesmo ponto em que se encontraria o casal real. Deste modo, o espectador “passa a fazer parte” da própria pintura, observando e virtualmente integrando a pintura, num jogo em que observa e é, ao mesmo tempo, observado.

Da mesma forma, me coloco como observadora e observada nesta pesquisa, por ser participante e analista das interações ocorridas na sala de aula de inglês da qual atuava como professora e, neste momento, também pesquisadora.

4.1.3

O posicionamento do pesquisador

Por ter assumido o papel de pesquisadora-participante nesta pesquisa, creio ser de suma importância a discussão acerca do posicionamento do pesquisador, tópico que vem sendo apresentado em diversos trabalhos, tais como Eriksen e Nielsen (2007); Denzin e Lincoln (2006); André (1995); Moita Lopes (1994); Geertz (1988); e Lüdke e André (1986).

Todo pesquisador observa as interações estudadas a partir de algum ponto e este influencia a sua visão e a interpretação dos dados. A total isenção e imparcialidade do observador é apenas um ideal, pois, como apontam Denzin e Lincoln (2006:32), por trás de toda teoria, metodologia, análise, dentre outros, encontra-se “a biografia pessoal do pesquisador, o qual fala a partir de uma determinada perspectiva de classe, de gênero, de raça, de cultura e de comunidade étnica”. Sendo ainda mais radical, André afirma ser *inaceitável* uma postura neutra do pesquisador, já que este interpreta os “múltiplos significados que constituem a realidade” (Moita Lopes, 1994).

Deste modo, entendemos que a pesquisa qualitativa interpretativa é desenvolvida por um pesquisador, que por mais que busque e deseje, não consegue alcançar uma posição de total neutralidade. Isto se dá porque, como apresentam Lüdke e André (1986:4),

os fatos, os dados não se revelam gratuita e diretamente aos olhos do pesquisador. Nem este os enfrenta desarmado de todos os seus princípios e pressuposições. Ao contrário, é a partir da interrogação que ele faz aos dados, baseada em tudo o que ele conhece do assunto – portanto, em toda a teoria acumulada a respeito -, que se vai construir o conhecimento sobre o fato pesquisado.

No entanto, este envolvimento do pesquisador com sua pesquisa não deve permitir que sua análise seja uma mera interpretação pessoal do fenômeno analisado, ou isto não mais seria relevante cientificamente. Faz-se extremamente necessário um embasamento teórico para a análise realizada, além da utilização

simultânea de diferentes fontes de dados, como instrumentos para que a subjetividade do analista não se exacerbe ao ponto de invalidar sua pesquisa. Para evitar que isto ocorra, o pesquisador deve buscar observar o seu contexto pesquisado com uma postura de *estranhamento*, mesmo que este lhe pareça familiar (Erickson, 1989 apud Baião, 2006). Para Dauster (1989 apud Spitalnik 2004:60), o estranhamento deveria ser um esforço sistemático do pesquisador de vivenciar uma situação familiar como se fosse estranha. Esta postura é de fundamental importância já que a semelhança encontrada entre interações em sala de aula é apenas aparente, portanto, ao buscar um maior entendimento de um contexto, devemos percebê-lo como sendo único e particular, não buscando generalizações, mas especificidades. Busquei este olhar de estranhamento ao analisar os dados deste estudo, buscando basear minhas interpretações no suporte teórico-metodológico da pesquisa, já que os dados me eram mais que familiares, pois eu havia vivenciado ativamente cada interação selecionada.

4.1.4

A análise sociointeracional do discurso

Como já apresentado no capítulo 2, a Sociolingüística Interacional, é uma relevante tradição de pesquisa na área de análise do discurso. Esta “propõe o estudo do uso da língua na interação social” (Ribeiro e Garcez, 2002:8), a fim de entender o que acontece durante as trocas interacionais.

Buscando compreender o que acontece no ‘aqui e agora’ das interações pesquisadas, realizo uma análise de dados baseada em construtos da SI, como enquadre (Bateson [1972] 2002; Goffman [1979] 2002; Tannen & Wallat [1987] 2002), esquemas de conhecimento (Tannen & Wallat [1987] 2002), *footing* (Goffman [1979] 2002) e pistas de contextualização (Gumperz [1982] 2002), já apresentados no capítulo 2. Ao realizar a análise de dados proposta no capítulo 5, objetivo responder à pergunta: “O que está acontecendo aqui e agora nesta situação de uso da linguagem?” (Ribeiro e Garcez, 2002). Segundo estes autores, os sociolingüistas interpretativos, analistas que partem dos conceitos da SI, vêem cada situação de interação face a face como um cenário de construção de

significado, já que este é situado, e vêem cada interação como algo passível de ser analisado.

Neste tipo de análise, o contexto possui uma grande importância, pois é visto como uma criação conjunta dos participantes da interação analisada. Por esta razão, realizo uma descrição rica em detalhes do contexto desta pesquisa na seção 4.2. Contribuindo para explicar a importância do contexto para a SI, Ribeiro e Garcez (2002:8), ainda na apresentação que fazem ao livro *Sociolinguística Interacional*, afirmam que

os interagentes levam em consideração não somente os dados contextuais relativamente mais estáveis sobre participantes (quem fala para quem), referência (sobre o quê), espaço (em que lugar) e tempo (em que momento), mas consideram sobretudo a maneira como cada um dos presentes sinaliza e sustenta o contexto interacional em curso.

Assim, os conceitos de enquadre, alinhamento, pistas de contextualização e esquemas de conhecimento, se fazem imprescindíveis para a realização deste tipo de análise.

Além disso, André (1995) acrescenta como uma característica importante deste tipo de pesquisa a ênfase no processo (o que está ocorrendo na interação) e não nos seus resultados finais. A observação e registro das interações em seus contextos reais dão ao pesquisador a possibilidade de tentar apreender e retratar a visão pessoal dos participantes em relação a si próprios, às suas experiências e ao mundo. A fim de recuperar as interações que ocorreram nas minhas aulas, utilizo as gravações em áudio e as notas de campo que realizei no momento em que estas interações ocorriam.

Finalizando, Moita Lopes (1996:88), ao descrever a pesquisa microetnográfica, cita um ponto importante para a análise realizada no presente trabalho, pois esta, da mesma forma, não se baseia em categorias preestabelecidas pelo pesquisador antes de sua entrada no contexto de estudo, porém segue questões de pesquisa que servem como guia para todo o estudo. Complementando esta fala, Baião (2006) assinala que a análise já se inicia no momento da entrada do pesquisador no contexto alvo da pesquisa, pois a escolha dos eventos e das pessoas a serem gravadas já se constitui propriamente uma ação analítica.

A seguir, realizo uma descrição mais minuciosa do contexto pesquisado, dos participantes da pesquisa e do processo de geração dos dados, bem como dos procedimentos de análise utilizados, seguido pelos seus recortes.

4.2

O contexto da pesquisa

Nesta seção, serão apresentados separadamente os elementos constituintes do contexto da presente pesquisa: a instituição, a sala de aula e sua organização e os participantes da pesquisa, a professora e sua turma.

4.2.1

A instituição

Este estudo foi realizado em um curso de idiomas, localizado na cidade de São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Esta escola de idiomas pode ser considerada de médio porte, já que possui uma boa estrutura em um prédio próprio de dois andares, nos quais estão distribuídas doze salas de aula, uma sala de vídeo, um auditório e uma área de convivência dos alunos. Esta se localiza ao lado da recepção do curso, possuindo algumas mesas e cadeiras, uma televisão e cinco computadores, com acesso a internet de alta velocidade, onde os alunos podem realizar pesquisas, ou, simplesmente, aguardar o horário de início das aulas.

Esta filial era bastante nova, quando da realização da pesquisa, tendo sido inaugurada no primeiro semestre do ano de 2005, ou seja, um ano antes. A filial antiga, pertencente a outros donos, localizada nos arredores desta, havia fechado e a maior parte dos alunos havia migrado para esta nova sede do curso. Assim sendo, o curso já foi inaugurado com um bom número de turmas e alunos¹⁵.

Esta pesquisa foi realizada no primeiro semestre do ano de 2006, último período em que lá trabalhei fazendo parte da equipe pedagógica. A direção foi bastante compreensiva na época, não tendo colocado nenhum empecilho à

¹⁵ Os números exatos não foram disponibilizados pela direção do curso.

realização da pesquisa, já que esta não atrapalharia o desenvolvimento das aulas. A minha entrada no campo foi, assim, bastante facilitada porque eu já estava lá inserida como parte da equipe pedagógica. Porém, no fim deste semestre, houve uma mudança na direção do curso, que acrescida ao fato da minha saída, tornou impossível qualquer tipo de retorno a esta instituição. A nova diretora não me recebeu sequer uma vez e se negou a dar qualquer informação sobre o curso e sobre os alunos, já que pareceu não concordar com a realização de pesquisas em seu ambiente de trabalho.

O curso oferecia aulas de quatro idiomas: inglês, espanhol, francês e alemão, além de aulas de informática e de formação profissional, como cursos para atendente de telemarketing, por exemplo. Porém, a grande maioria dos alunos do curso pertencia aos cursos de idiomas, especialmente o de inglês. Todas as turmas de idiomas possuíam uma carga horária de duas horas semanais, sendo estas divididas em duas aulas na semana (às segundas e quartas ou terças e quintas) ou apenas uma aula semanal, possuindo duas horas seguidas (às sextas ou sábados). Para todos os idiomas, o curso oferecia seu próprio material didático, que deveria ser *rigorosamente* seguido e implementado pelo professor. O método era bastante rígido (cada passo era descrito pelo manual do professor), sendo inicialmente baseado na tradução e repetição de palavras e estruturas gramaticais e, posteriormente, no desenvolvimento de discussões acerca dos temas apresentados pelo livro.

Em cada hora de aula deveria ser apresentada uma lição, portanto, eram duas a cada sábado. As lições ímpares traziam vocabulário novo¹⁶ e um ponto gramatical a ser trabalhado com os alunos. No nível (livro) em que estavam estes alunos da pesquisa, o vocabulário deveria ser pesquisado por eles antecipadamente, em casa, para que na aula, houvesse apenas o esclarecimento de dúvidas e a criação de frases para exemplificar as palavras em contexto. Isto ocorria apenas raramente, já que os alunos ainda não estavam habituados a este tipo de atividade, que era nova para eles (havia iniciado naquele semestre). O que acabava acontecendo era a apresentação da maioria das palavras pela professora na aula. As lições pares apresentavam uma série de atividades visando a fixação do conteúdo apresentado na lição ímpar anterior.

¹⁶ Verbos, substantivos, adjetivos e expressões idiomáticas.

Após cada seis lições havia uma *Review*, avaliação oral e escrita do aluno, realizada em sala, com o intuito de avaliar o aprendizado dos conteúdos apresentados nestas seis últimas lições, além do desempenho geral do aluno. Apesar de não ser considerada uma “prova”, esta funcionava como se fosse, pois dava ao aluno um conceito de acordo com seu desempenho, que poderia ser ‘excelente, muito bom, bom, regular ou fraco’.

Na seção 4.2.2, a seguir, será apresentada a organização da sala de aula pesquisada.

4.2.2

A sala de aula

Todas as salas de aula do curso seguiam o mesmo padrão de organização e decoração, variando apenas em tamanho. A sala de aula pesquisada especificamente neste trabalho era uma das maiores do curso e estava localizada no primeiro andar do prédio, à direita no final do corredor. Visando facilitar a visualização da organização espacial desta sala de aula, apresentarei algumas figuras que a retratam de forma bastante próxima ao natural.

Esta primeira imagem é uma representação em perspectiva da sala de aula pesquisada, retratando a imagem vista por qualquer pessoa que adentrasse a sala, além de ser a visão que a professora tinha da sala na maior parte da aula, quando estava sentada em sua carteira, de frente para os alunos.



Figura 4 - Representação em perspectiva da sala de aula (vista 1)

As carteiras ficavam dispostas em forma de semicírculo, de frente para a professora e, na parede de fundo da sala havia uma janela, que dava para a área externa do curso e um aparelho de ar-condicionado. Nas paredes laterais havia quadros com figuras e mensagens retratando a cultura americana e a língua inglesa.

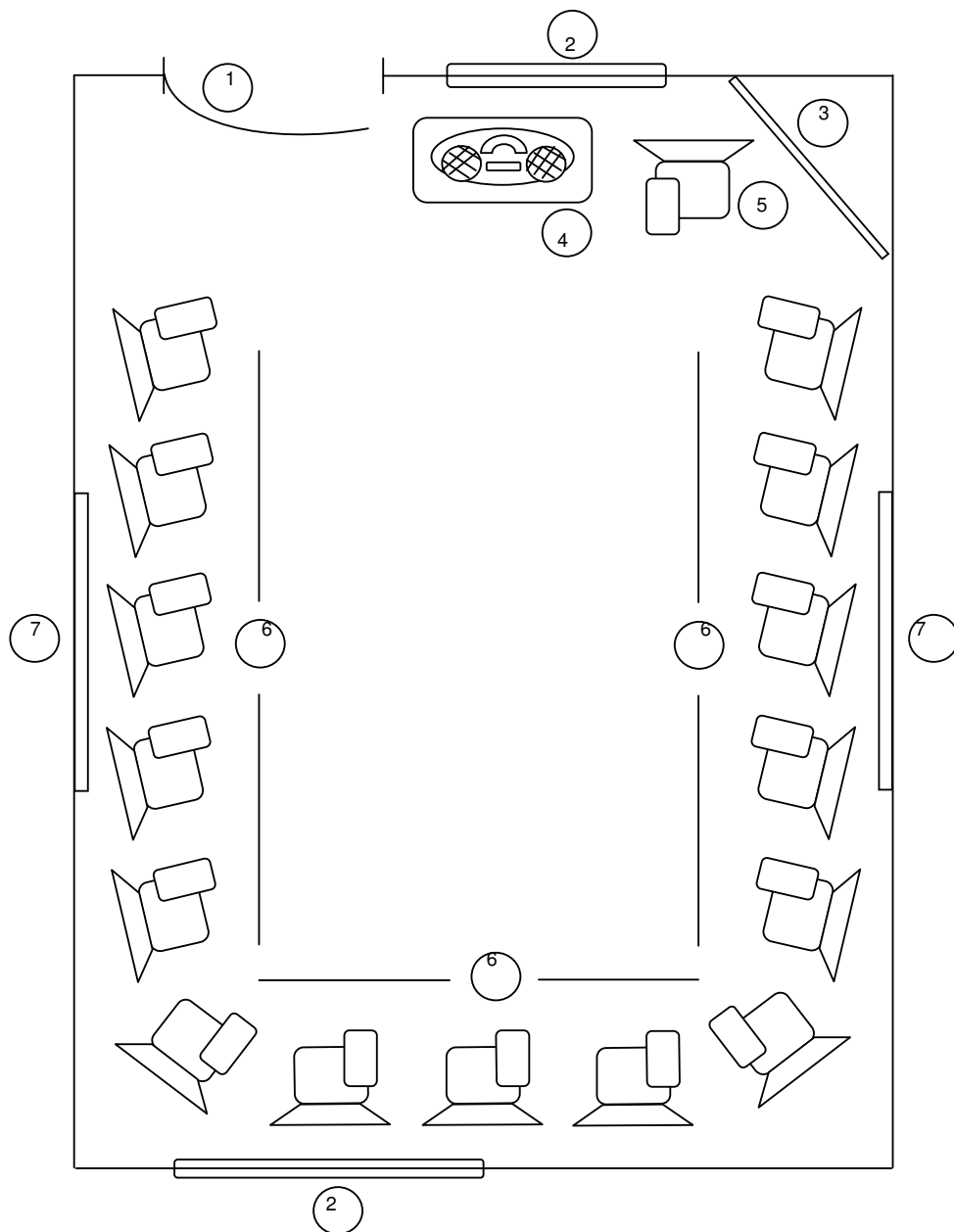
A segunda figura representa a visão oposta a esta já apresentada, indicando a visão que os alunos possuíam durante a aula, enquanto sentados de frente para a professora.



Figura 5 - Representação em perspectiva da sala de aula (vista 2)

Em uma parede de tom amarelo claro, diferente das demais, que eram verdes claras, havia a porta e uma janela fechada (era apenas um vidro) direcionada para o corredor interno do curso, coberta por uma persiana em tom de cinza claro, assim como o piso de todo o ambiente. À frente desta janela havia uma mesa onde ficava o aparelho chamado de CD player, que era utilizado pela professora em algumas atividades durante as aulas (o CD fazia parte do material didático dos alunos, porém o CD do professor possuía um conteúdo um pouco diferenciado). Sua carteira, idêntica à dos alunos, ficava entre esta mesa e o quadro branco, que ficava sobre um tripé. Assim, todos se entreolhavam e se comunicavam livremente, sem que houvesse qualquer obstáculo visual entre os participantes da aula.

Finalmente, apresento um gráfico representando uma visão superior da sala de aula como um todo, a fim de possibilitar uma visualização completa do ambiente, seguida de uma legenda para possibilitar um melhor entendimento.



Legenda: 1 – porta; 2 – janelas; 3 – quadro branco; 4 – mesa com aparelho de som;
5 – carteira do professor; 6 – carteiras dos alunos; 7 – murais.

Figura 6 - Gráfico da sala de aula

Agora que já possuímos uma visão mais profunda de como era a organização da sala de aula, trarei algumas informações acerca dos participantes da pesquisa: a professora e os alunos.

4.2.3

Os participantes da pesquisa

A turma pesquisada era formada por oito alunos de nível pré-intermediário, dos quais apenas sete freqüentavam as aulas regularmente, e pela professora-pesquisadora. Os alunos possuíam uma boa relação interpessoal, bem como em relação à professora, fato que creio influenciar na realização das brincadeiras conversacionais. A turma foi analisada como um todo, através da análise das interações de brincadeira conversacional, não havendo seleção ou exclusão de um ou outro participante.

No período da realização da pesquisa, eu era professora de duas turmas do mesmo nível, em horários seguidos: a primeira era às oito horas da manhã e a segunda, às dez horas. A primeira turma não demonstrou interesse em participar; alguns alunos ficaram receosos da gravação. Já a segunda, após um momento de resistência inicial, aceitou fazer parte da pesquisa, desde que não fossem filmados em vídeo¹⁷. Após uma explicação inicial de como se daria a pesquisa¹⁸, todos os alunos aceitaram e se interessaram pelo processo.

A seguir, serão apresentadas algumas características de cada participante da pesquisa. A ordem de apresentação dos participantes não seguiu nenhum critério específico. Estas informações foram reunidas por mim baseada nas conversas informais que tinha com os alunos nos intervalos das aulas. Os nomes dos alunos foram modificados com o intuito de preservar suas identidades.

Denise	Aluna muito boa e esforçada, que sempre realizava as atividades propostas (para serem feitas em casa ou em aula) e participava ativamente das aulas. Tinha por volta de vinte anos e cursava Engenharia em uma universidade pública do Rio de Janeiro. Demonstrava grande interesse em aprender inglês, sempre apontando a importância que este teria para sua carreira. Por gostar de participar das aulas e demonstrar certa facilidade no aprendizado da língua inglesa, era sempre solicitada pelos colegas para
--------	--

¹⁷ Foi também um pedido da direção que as gravações fossem realizadas apenas em áudio.

¹⁸ Os alunos não sabiam exatamente que aspecto da interação estava sendo pesquisado, assim como a professora-pesquisadora também não tinha isto definido.

	participar da aula antes que eles ‘precisassem participar’, além de se oferecer para auxiliar algum colega quando a professora pedia que alguém o fizesse. Tinha uma atitude bastante ativa em sala de aula, tomando o papel da professora por várias vezes. Gostava bastante de rir e ‘brincar’ com os colegas e parecia formar uma parceria com o aluno Marcos, tanto na realização de tarefas, quanto na de brincadeiras conversacionais.
Marcos	Bom aluno, mas relutava um pouco em participar das atividades orais; sempre apontava Denise para que as realizasse em seu lugar. Tinha por volta de vinte e cinco anos, trabalhava na área de transporte de cargas no Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro, e considerava importante o estudo da língua inglesa para que pudesse ter uma chance de promoção em seu emprego. Assim como Denise, era um aluno que se oferecia para ajudar os demais colegas e, várias vezes, ‘tomava o papel da professora’, negociando e tomando decisões na sala de aula. Era o aluno mais <i>brincalhão</i> da turma.
Lorena	Era uma boa aluna. Normalmente realizava as tarefas em dia, mas também apresentava certa resistência na realização de atividades orais, como quase toda a turma. Tinha vinte anos e possuía uma relação bastante próxima com Denise e com Lauro, provavelmente por serem de uma faixa etária mais próxima. Estes alunos demonstravam esta relação até mesmo fora de sala de aula, enquanto esperavam a aula e após o seu término, pois ficavam conversando na área de convivência do curso. Era uma aluna bastante comunicativa e extrovertida, participando bastante das brincadeiras que aconteciam nas aulas. Fazia um curso de preparação para o vestibular em uma escola particular da cidade e estava na fase de escolha de carreira, pois ainda não havia definido para qual curso prestar vestibular. Gostava de estudar inglês e achava importante para o seu futuro, pois estava tendendo a cursar Turismo, porém achava a língua inglesa importante mesmo se seguisse uma outra carreira.
Lauro	Era o aluno mais novo da turma, pois possuía por volta de 15 anos, o que não impedia o seu entrosamento com os demais colegas. Era um pouco tímido e inseguro, o que interferia diretamente na sua participação em aula, que era pouca, apesar de eficiente. Estudava em um colégio particular da região pela manhã e ajudava seu pai no seu trabalho à tarde. Este possuía um <i>box</i> no CEASA da cidade. Além disso, Lauro também

	participava de competições de natação pela escola. Dizia sempre ser importante o estudo do inglês (incentivado pelos seus pais) para o seu futuro, apesar de ainda não saber que profissão seguiria. Apesar de sua timidez, participava de algumas situações de brincadeira conversacional nas aulas.
Vânia	Aluna que apresentava bastante dificuldade de produção e compreensão em língua inglesa, tanto nas atividades orais quanto nas escritas. Tinha por volta dos vinte e cinco anos, sendo bastante tímida e retraída, não fazendo parte ativamente das brincadeiras conversacionais; participava basicamente com risos. Não fazia nenhum outro curso e trabalhava no comércio da família com seus irmãos. Geralmente sentava próxima a Denise, visto que esta a ajudava nas suas dificuldades.
Roberto	Era um aluno bastante interessado e esforçado, tendo um nível bom em relação aos demais alunos. Já estava por volta de trinta anos, era casado e tinha uma filha com menos de um ano de idade. Trabalhava em uma empresa na área de informática e demonstrava que o conhecimento da língua inglesa fazia falta na sua carreira e o ajudaria, também, em uma futura promoção no seu trabalho. Era um pouco mais sério, mas participava de algumas situações de brincadeira conversacional, especialmente com risos.
Mauro	Aluno que apresentava grande dificuldade de aprendizagem; tinha vários problemas em relação as quatro habilidades da língua, apesar de ser bastante esforçado. Era o aluno mais velho da turma (deveria ter quase quarenta anos), também era casado e possuía dois filhos. Era garçom em um hotel em Copacabana e se esforçava muito para aprender a língua, pois precisava de um bom conhecimento para atender aos clientes do restaurante do hotel. Além disso, com um maior conhecimento da língua inglesa, ele pretendia competir por uma vaga em um hotel ainda maior, para receber um melhor salário. Não participava muito ativamente das brincadeiras conversacionais, no entanto ria bastante.
Maicon	Não possuo muitas informações sobre este aluno, já que ele era extremamente faltoso. Ele frequentou apenas uma das aulas gravadas (e apenas quatro durante todo o semestre), não permitindo que pudesse conhecê-lo. Tinha aproximadamente dezoito anos e quando ia à aula, apresentava bastante dificuldade por ter uma defasagem em relação aos demais que acompanhavam o desenvolvimento do conteúdo e tinham

	uma boa relação interpessoal. Ele era considerado ‘um estranho’ quando aparecia nas aulas, e os alunos afirmavam, em tom de indignação, que ele também havia feito o mesmo no semestre anterior e havia sido aprovado mesmo assim. No semestre pesquisado, ele foi reprovado por faltas e por aproveitamento.
Karin	A professora-pesquisadora. Possuía vinte e cinco anos e trabalhava no curso há menos de um ano quando realizei a presente pesquisa em minha sala de aula. Tinha acabado de concluir meu curso de graduação em letras pela UERJ e era professora desta turma, bem como deste período (chamado de livro), pela primeira vez. Ainda estava em fase de adaptação quanto à metodologia do curso, pois era bastante diferente do que eu havia feito anteriormente nas demais instituições nas quais trabalhei. Tinha pouca experiência tanto como professora como quanto pesquisadora, o que tornou esta pesquisa um grande desafio, mas uma deliciosa e prazerosa experiência. Tentar observar minhas aulas com um olhar mais detalhado e escutar as fitas ao chegar a casa foi um processo bastante difícil, porém enriquecedor. Na sala de aula, sempre busquei ter uma relação de proximidade com os alunos, visando minimizar um pouco a assimetria entre nós, o que deu lugar a algumas negociações nas aulas. Sou bastante brincalhona como professora, participando de praticamente todas as enquadres de brincadeira conversacional identificados nesta pesquisa, apesar de não ser a única a iniciá-los. Buscava seguir o método proposto (ou imposto) pelo curso, porém flexibilizava a realização das atividades propostas pelo material didático, quando possível.

Após conhecer um pouco mais dos participantes desta pesquisa, convido o leitor a saber um pouco mais acerca do processo de geração dos dados, descrito na seção a seguir.

4.3

A geração dos dados da pesquisa

Os dados da presente pesquisa foram gravados em fitas de áudio, a pedido dos alunos e da direção, acrescidos de notas de campo da pesquisadora, realizadas no momento da interação. Foram gravadas quatro aulas em sequência, que aconteceram nos dias seis, treze, vinte e vinte e sete de maio do ano de 2006,

visando fazer um acompanhamento longitudinal do processo interacional com a turma. As aulas foram gravadas do seu início ao seu fim, já que não havia um interesse específico em alguma atividade, mas na interação que se dava em toda a aula, totalizando aproximadamente sete horas de gravação, distribuídas em diversas fitas.

No momento de gravação dos dados, não sabia exatamente que aspecto estava buscando investigar; o único aspecto que tinha claro era que gostaria de pesquisar as interações que se davam em minha própria sala de aula com o intuito de entendê-las de forma mais profunda. Tal fato foi bastante importante para o processo de geração de dados, já que este não foi influenciado por nenhuma questão específica, uma vez que não havia uma pergunta de pesquisa definida neste momento. Busquei anotar as atitudes, posturas e posicionamentos que me saltavam aos olhos, e que, infelizmente, não poderiam ser recuperados pela gravação em áudio.

Por ter sido impedida de retornar ao curso como pesquisadora, não tive acesso a mais dados, como um possível encontro com os alunos para realizar entrevistas ou sessões de visionamento¹⁹ que pudessem enriquecer os dados já existentes. Além disso, o resultado de toda a pesquisa realizada não pôde ser apresentado aos alunos, que tanto contribuíram para que esta acontecesse, como forma de situá-los e de mostrar a importância de sua participação, assim como as conclusões obtidas com todo este processo.

4.3.1

As aulas pesquisadas

As aulas tinham seu início às 10 horas da manhã de sábado, exatamente quando os alunos da turma das 8 horas saíam da sala. Havia uma pausa para que os alunos e a professora pudessem beber água e ir ao banheiro, de no máximo cinco minutos, aproximadamente às 11 horas. No momento em que esta terminava, a professora e os alunos voltavam para a sala, e a aula recomeçava

¹⁹ Segundo Tannen (1984 apud Spitalnik, 2004), a sessão de visionamento “consiste em mostrar aos participantes a fita gravada para que eles comentem o que quiserem sobre seus comportamentos, suas falas e seus relacionamentos em sala de aula”.

tendo seu término às 12 horas. Cabe observar que, por vezes, os alunos permaneciam em sala durante a pausa.

Compondo os dados, as aulas gravadas ocorreram nos dias seis, treze, vinte e vinte e sete de maio do ano de 2006, como apresentado na seção anterior. Nesta seção, gostaria de fornecer algumas informações mais específicas acerca de cada uma das aulas.

Dia	Aula	Informações
06/05	1	Alunos presentes: Denise, Lauro, Lorena, Marcos, Mauro, Roberto e Vânia. Lições apresentadas: final da 11, 12 e <i>Review</i> ²⁰ . Ponto gramatical estudado: (lição 11) Present Perfect + <i>never</i> Outras informações: A professora estava bastante febril e afônica. Na aula anterior, não houve tempo hábil para o término da lição 11 como devido - assim, esta aula iniciou com a conclusão desta lição. Esta aula ocorreu após a brincadeira de Amigo Oculto da turma por conta da passagem da Páscoa, que aconteceu após o feriado.
13/05	2	Alunos presentes: Denise, Lauro, Lorena, Maicon, Marcos, Mauro, Roberto e Vânia. Lições apresentadas: 13 e 14 Ponto gramatical estudado: Present Perfect + <i>yet</i> Outras informações: Esta foi a segunda aula do semestre freqüentada por Maicon, que não conseguiu realizar muito bem as atividades propostas por não possuir o conhecimento já construído nas demais lições. No início desta aula, havia a presença do aluno Leandro, que era da turma anterior, mas que devido a um atraso, não tinha conseguido terminar sua <i>Review</i> a tempo e, portanto, ficou na sala até que terminasse. Esta aula ocorreu na véspera do Dia das Mães, por isso, quando Lauro entra na sala, me oferece um botão de rosa amarelo que estava sendo distribuído na rua para as mães.
20/05	3	Alunos presentes: Denise, Lauro, Lorena, Mauro, Roberto e Vânia. Lições apresentadas: 15 e 16

²⁰ Avaliação oral e escrita dos alunos, que juntamente com a avaliação conceitual diária e dos exercícios de casa, formavam um conceito geral do aluno, pois neste curso não havia “prova” no seu sentido estrito. Os conceitos eram: excelente, muito bom, bom, regular e fraco.

		Ponto gramatical estudado: Present Perfect + <i>since</i> Outras informações: Os alunos se mostraram curiosos em saber mais informações acerca da minha pesquisa, porém, expliquei a eles que ainda não tinha nenhum resultado, pois ainda não havia terminado as gravações. Disse a eles que assim que tivesse alguma coisa que pudesse mostrar-lhes, assim o faria. No entanto, posteriormente não tive esta oportunidade.
27/05	4	Alunos presentes: Denise, Lauro, Lorena, Marcos, Mauro, Roberto e Vânia. Lições apresentadas: 17 e 18 Ponto gramatical estudado: Present Perfect + <i>for</i> Outras informações: Marcos chegou muito atrasado nesta aula.

Com todas estas informações sobre o contexto de pesquisa, inclusive de seus participantes, descreverei, na seção 4.3.2, os procedimentos e os recortes de análise apresentados na presente pesquisa.

4.3.2

Procedimentos e recortes da análise dos dados

Após a gravação das quatro aulas, seguindo as orientações de Erickson e Schultz ([1981] 2002), as fitas foram ouvidas por completo enquanto a pesquisadora descrevia as situações que ocorriam nas gravações, obtendo, ao fim, um roteiro de cada aula gravada. Logo após, as fitas foram ouvidas por diversas vezes, enquanto as primeiras anotações eram observadas, a fim de buscar algo que tivesse destaque e que a partir delas pudesse ser estudado.

Neste momento percebi a grande quantidade de situações nas quais havia brincadeiras e risos entre os participantes e, além disso, o fato de os alunos também terem ‘liberdade de brincar’, até mesmo através de provocações com a professora, me chamou a atenção. Esta observação me fez lembrar que havia uma relação muito boa entre os participantes desta sala de aula, existindo um ambiente bastante agradável e, possivelmente, propício para a construção de conhecimento. Pensei então, por que não analisar como (ou se) estas brincadeiras influenciam na

relação entre os participantes e, conseqüentemente, na aprendizagem da língua inglesa? Deste modo, deu-se o início da formulação das perguntas da pesquisa.

Em seguida, iniciei o processo de transcrição dos dados, seguindo os trabalhos de Análise da Conversa de Snack, Pisoni e Ostermann (2005), Gago (2002), Tannen (1989) e Atkinson e Heritage (1984). As convenções de transcrição utilizadas neste trabalho estão localizadas nas páginas 134 e 135. Por saber que uma transcrição é uma interpretação e uma representação da fala (Snack, Pisoni e Ostermann, 2005), procurei ser bastante fiel aos detalhes relevantes a uma melhor compreensão da interação transcrita.

As duas primeiras aulas foram transcritas integralmente, porém, devido à falta de tempo hábil, as demais passaram pelo mesmo processo descrito acima, porém tiveram apenas os trechos selecionados transcritos. Foram selecionados os fragmentos nos quais haviam brincadeiras conversacionais e, posteriormente, destes foram selecionados os que mais poderiam contribuir para as discussões propostas nas perguntas desta pesquisa. O corpus de análise é então formado pelos trechos de interação selecionados por terem neles brincadeiras conversacionais, além das notas de campo.

Como já foi apresentado anteriormente na seção 4.1, esta pesquisa tem como suporte a análise qualitativa, o que me possibilita analisar as interações selecionadas de forma particular, buscando suas idiossincrasias e não suas possíveis generalizações. Cada trecho de análise selecionado foi, portanto, analisado de forma única e particular, sem que houvesse a preocupação de fazer alguma comparação entre os demais, buscando generalizações.

As seções de análise foram constituídas a partir da forma como as brincadeiras conversacionais eram geradas, não de acordo com os participantes envolvidos, ou relacionados às aulas em que ocorreram, ou até em ordem de acontecimento. Foram, então, formados eixos temáticos²¹ nos quais os excertos foram organizados de acordo com as situações de brincadeira conversacional. Nesses grandes eixos, foram formadas algumas subdivisões a fim de melhor organizar a temática das brincadeiras analisadas e, finalmente, cada cena analisada foi intitulada por algum trecho da transcrição que a caracterizava.

²¹ Os eixos temáticos, que formam as seções de análise serão apresentados na introdução do capítulo de análise dos dados (capítulo 5), que se segue.

Visando facilitar a compreensão das cenas analisadas, apresento abaixo um quadro com as seções, os títulos, as aulas e o momento em que os fragmentos de interações analisados ocorreram. Desta forma, construí um esquema das cenas analisadas no próximo capítulo, de análise dos dados.

Seção	Título	Aula	Momento em que ocorreu
5.1.1.1	Daqui a pouco morre aí	1	Durante atividade de <i>Triangle Conversation</i>
5.1.1.2	Se vocês estivessem na menopausa	2	Durante a chegada dos alunos à sala de aula
5.1.2.1.1	Chegou cedo pra próxima aula	1	Durante a realização de atividade de <i>drills</i>
5.1.2.1.2	Quem pode, pode	2	Durante discussão de frase proposta pelo livro didático
5.1.2.2.1	Minhas lições vou te entregar na aula passada	2	No final da aula, enquanto os alunos saíam de sala
5.2.1.1	Agostinho, né?	1	Durante atividade oral de continuação de história proposta pelo livro didático
5.2.1.2	Você sabe onde é o banheiro?	1	Durante atividade de <i>Triangle Conversation</i>
5.2.1.3	Você não vai botar a cabeça dentro da secadora	3	Durante a apresentação de vocabulário
5.2.1.4	Você não pegou um banco emprestado, né?	4	Durante a apresentação de vocabulário
5.2.2.1	Se for pro céu, né?	1	Durante discussão de frase proposta pelo livro didático
5.3.1.1	Pára de mandar ela fazer tá?	1	Durante atividade oral de continuação de história proposta pelo livro didático (seqüência da cena analisada na seção 5.2.1.1)
5.3.1.2	Fala você	4	Durante atividade oral de continuação de história proposta pelo livro didático
5.3.1.3	A gente fez junto	1	Durante leitura e discussão de tema proposto pelo livro didático
5.3.2.1	Ele tá lendo isso lá	2	Durante atividade de recontagem de história contada pelo CD do material didático
5.3.3.1	Ela é minha mãe aqui no curso	2	Início da aula
5.3.4.1	Teacher, I have a suggestion	1	Durante realização da avaliação oral (<i>Review</i>)
5.3.4.2	The composition at home	1	No início da realização da avaliação escrita (<i>Review</i>)

Após a apresentação do quadro acima, que resume as seções de análise, seguir-se-á o capítulo de análise dos dados desta pesquisa. Nele busco entender o uso do humor conversacional nas interações da sala de aula investigada.